

Bandido e herói: o vingador do sertanejo no folheto de Cordel

Raymundo José da Silva

Submetido em 23 de outubro de 2012.

Aceito para publicação em 29 de janeiro de 2013.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dezembro de 2012. p. 175-190.

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quarta-feira, 27 de março de 2013

23:59:59

BANDIDO E HERÓI: O VINGADOR DO SERTANEJO NO FOLHETO DE CORDEL

Raymundo José da Silva*

RESUMO: *Este trabalho é uma reflexão sobre o fenômeno do Cangaço e seu confronto com o Coronelismo, dois grandes aspectos sociais que marcaram a vida nordestina e que contribuíram decisivamente para a formação da identidade do homem do sertão. Na primeira parte, após a introdução, foi feito um esboço da história do Cordel com menção às principais características do homem e do ambiente onde esta literatura floresceu. A seguir, como exemplo concreto, fez-se a análise do poema O sertanejo Antônio Cobra Choca de João José da Silva, ressaltando-se, principalmente, a importância do bandido do sertão como personagem do Cordel, discorrendo sobre o modo como esse personagem se faz aceito pelos leitores no folheto, transformando-se em vingador e em herói dos leitores sertanejos.*

PALAVRAS-CHAVE: *cangaço; coronelismo; cordel; herói.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As grandes transformações do mundo moderno fazem com que certas tradições se modifiquem e se mesquem com outros costumes, ou mesmo desapareçam da vida de muitas comunidades, de sorte que as pessoas dessas comunidades deixam de ser, às vezes, prontamente reconhecidas por suas tradicionais características socioculturais.

Contudo, a despeito do grande impacto dessas mudanças capazes de afetar profundamente a vida dos indivíduos, assim como ocorreu com os nordestinos e o seu meio geográfico, alguns aspectos marcantes do Nordeste, inclusive os já extintos e distantes no tempo, ainda subsistem fortemente impregnados na memória das pessoas. Dentre esses fatores que mais contribuíram para consolidar a identidade nordestina, citem-se as secas terríveis e célebres, que dizimaram milhares de vidas e provocaram a retirada dos sertanejos dos lugares mais inóspitos, além de terem servido de inspiração para muitos escritores, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e alguns artistas da música, dos quais Luiz Gonzaga tornou-se o maior expoente; a grande distância entre o sertão e os centros urbanos, que manteve o isolamento das comunidades sertanejas; o misticismo profundo que favoreceu o surgimento de religiosos famosos, como o beato Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião, indivíduos canonizados ainda em vida pela fé popular, que conseguiram, cada um em sua época, galvanizar o sentimento religioso da gente sertaneja; o Coronelismo mandão, cujos senhores exerciam um poder quase absoluto sobre as pessoas humildes; por fim, o Cangaço, movimento fora da lei e expressão máxima da brutalidade dos sertões, fruto da ignorância e da miséria que deu origem a criminosos lendários, quase históricos, como Lampião, Corisco, Volta Seca e Antônio Silvino.

* Doutorando da área de Estudos de Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalho realizado sob a orientação do Prof. Dr. Michael Korfmann, docente do Curso de Pós-Graduação da UFRGS. E-mail: raysete@gmail.com

Durante muito tempo, esses fatores citados, além de outros sumamente importantes, como a grande taxa de analfabetismo e a alarmante desigualdade social, contribuíram decisivamente para a formação da maneira de ser do homem nordestino. Surge, então, o sertanejo afeito ao meio hostil, rústico, provido de peculiares princípios e uma especial vivacidade de espírito. Foi nessa classe sertaneja brasileira, constituída, em sua maioria, de pessoas pobres, que, tendo chegado do continente europeu para o Brasil, desenvolveu-se uma produção escrita rural, fortemente influenciada por aspectos essencialmente nordestinos, porém marginalizada pela elite intelectual do país e denominada Literatura de Cordel.

A respeito do ambiente que propiciou o desenvolvimento dessa literatura no Nordeste, observe-se o que diz Manuel Diégues Júnior em prefácio do livro *Antologia da literatura de cordel*, de Batista (1977):

No Nordeste, [...] por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia, característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Essa literatura, embora trate de temas diversificados, foi especialmente enriquecida pelas histórias dos folhetos que retratam a vida errante e perigosa dos cangaceiros, de sorte que o cordel ficou para sempre ligado às peripécias daqueles bandoleiros do sertão.

2. O CORDEL, O CANGAÇO E O CORONELISMO: ESBOÇO HISTÓRICO

2.1. O Cordel

Pode-se dizer que todos os povos costumam contar e ouvir casos, mas o fato é que o nordestino, além de apreciar as boas histórias, necessitava dessa atividade, uma vez que grande parte da população, principalmente a do campo, vivia em lugares muito afastados dos grandes centros urbanos e sem acesso aos meios de comunicação já existentes, situação que permaneceu até, pelo menos, durante as duas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Portanto, a escassez de novidades e de lazer fazia com que os sertanejos se aproximassem e se reunissem nas varandas das fazendas, na casa-grande ou nos engenhos de cana de açúcar, para contar e ouvir velhas histórias reais ou imaginárias, ou para tocar ou cantar versos de improviso. Como diz Abreu (2011, p. 07): “Se o avô do seu avô morasse no Nordeste, é muito provável que ele encontrasse com esses cantadores nas feiras, nos mercados e nas festividades de rua, ou mesmo nas festas feitas nas fazendas e nas casas”. Ao som da viola, os cantadores disputavam verdadeiras batalhas com palavras, e como resultado dessa antiga porfia entre dois violeiros é que nasceu uma forma de cordel transcrito para o folheto

denominada *peleja*, sendo, provavelmente, a mais conhecida e comentada pela gente simples, a célebre *Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de autoria do poeta Firmino Teixeira do Amaral. A peleja talvez represente o momento em que a fronteira entre a oralidade e a escrita se mostra mais tênue, híbrida e imperceptível dentro da literatura de cordel, porque nunca se sabe se o texto do folheto é a transcrição fiel da batalha oral acontecida, ou mesmo se esse desafio ocorrera de verdade. E de acordo com a opinião de Batista (1977), essa dúvida perdura, já que o folheto geralmente é uma reconstituição, nem sempre completa ou perfeita, realizada por um poeta que a ouviu ou que dela apenas teve notícia, mas sem a certeza de que essa disputa tenha ou não acontecido. Logo, a deduzir das palavras desse autor, talvez o folheto fosse uma forma de paráfrase ou a expansão de um trecho de um embate verbal caso tenha ocorrido.

De acordo com os estudiosos do Cordel, dentre os quais Meyer (1980), esse costume de se reunir para contar e ouvir casos deu origem a essa literatura e proveio de uma longa tradição ibérica, das histórias de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, além de outros livros, que atravessaram séculos e tornaram-se conhecidos por muitas gerações mediante a transmissão oral. Este é o motivo por que personagens, histórias ou paráfrases de histórias de livros antigos, às vezes, eram conhecidas e memorizadas por sertanejos de pouca ou nenhuma escolaridade e encontradas com frequência nos folhetos de cordel. Logo, a origem do Cordel remonta a tempos antigos e, segundo Silva (2005, p. 09) presidente da Academia Brasileira de Cordel (ABLC), “Na época dos povos conquistadores Greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc, a Literatura de Cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI.” Ainda a respeito da origem do cordel, o Professor Manuel Diégues Júnior, em prefácio do livro *Antologia da literatura de cordel* de Batista (1977), informa:

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, ou quase ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população.

No entanto, deve-se compreender que, trazida da Península Ibérica para o Brasil, a Literatura de Cordel naturalmente teve que adaptar-se às condições da região nordestina, onde encontrou ambiente geográfico e sociocultural particularmente favorável, prosperando de forma extraordinária, com uma produção com características singulares, bem diferenciada da literatura de cordel lusitana. Trata-se de uma literatura essencialmente poética, de modo que, para a grande maioria dos autores, até as velhas histórias em forma de novela ou de romances divulgadas em Portugal e igualmente lançadas no Brasil, ainda que em edições baratas e à mesma época do folheto, não são consideradas cordel. Entretanto, esses textos são vistos como cordel quando versificados, ou seja, adaptados para o folheto, desde que os textos contenham as características e normas exigidas por essa literatura. A Literatura de Cordel, como a conhecemos hoje, tem uma parte cultivada oralmente nos desafios ou pelejas dos repentistas ao som da viola, e uma outra produzida por cordelistas que escrevem em

versos, não costumam fazer duelos verbais e são pomposamente denominados “poetas de bancada”. Os poemas escritos são publicados em pequenos livros que, de acordo com Souza (1976), recebiam variados nomes, como ABC, livrinho de feira, livro, obra, livro de Ataíde, estória do meu padrinho, folheto e romance. Com poucos recursos tecnológicos e financeiros, inicialmente os cordelistas confeccionavam esses folhetos em pequenas prensas, xilogravavam artesanalmente os desenhos nas capas e usavam um papel de baixa qualidade.

O termo *cordel*, com o significado de cordinha ou de cordão, é muito pouco conhecido e quase nunca usado pela maioria dos brasileiros. Portanto, em vista dessa terminologia, a autora Márcia Abreu (2011) esclarece que nem sempre os autores e consumidores reconhecem a expressão *Literatura de Cordel*, tipicamente portuguesa, que passou a ser usada pelos estudiosos no Brasil apenas a partir de 1970.

Por ter sido o Nordeste a primeira porta de entrada dessa literatura e por ter ela ali se instalado e sofrido um longo e intenso processo de adaptação e desenvolvimento, será quase impossível falar do Cordel sem lembrar alguns fenômenos sociais e da natureza que se entrelaçaram e o influenciaram fortemente e que, no Brasil, só aquela região possui de forma tão marcante: o coronelismo cujo poder acima da lei agravava a injustiça social; o suplício das secas cruéis e quase cíclicas que intensificava a pobreza e a fome; a religiosidade levada ao extremo fanatismo e o fenômeno do Cangaço que atingiu proporções míticas, folclóricas e até históricas. Com esses aspectos intensamente explorados pelos folhetos, como temas ou como elementos auxiliares, o Cordel transformou-se num imenso repositório de importantes documentos que contam boa parte da história e tradições do Nordeste, expressando recorrentemente os costumes, valores morais e traços psicológicos que revelam a identidade da gente sertaneja. Portanto, quando se fala do Cordel, – embora o nome de imediato possa evocar os livros tradicionalmente pendurados em barbantes (cordéis) ou o formato (livreto de poucas folhas com papel de baixa qualidade) – a temática, a linguagem e os elementos socioculturais contidos nesses textos é que parecem defini-los como pertencentes, ou não, a essa literatura.

Observe-se que, no âmbito discursivo do Cordel, as condições de produção envolvem uma conjuntura social, cultural, política, histórica e ideológica constitutiva da identidade nordestina; na situação enunciativa, implicam um sujeito que fala a um outro a respeito de um referente, sistematicamente. Mas essa condição de legitimidade da representação ou autorrepresentação só era possível porque o poeta cordelista pertencia à própria comunidade sertaneja e em nome dela exercia a consciente função de portavoz, quando contava sua história e expressava seus anseios, desilusões e angústias.

Segundo Albuquerque Júnior (1999), historicamente, a noção de Nordeste começou a ser construída no início do século XX, por Gilberto Freyre e outros intelectuais entre o final dos anos dez e começo dos anos vinte, produzindo-se uma identidade estereotipada do nordestino. No imaginário brasileiro, as questões sociais do Nordeste, como a seca e a miséria, (ainda) são elementos primordiais para a elaboração imagético-discursiva da Região: um lugar da periferia, de discriminação nas relações econômicas e políticas do país. É verdade que, nas últimas décadas, o Nordeste tem alcançado um visível progresso que melhorou sensivelmente a vida do sertanejo, mas como resultado de um longo tempo de atraso medieval que adentrou o século XX, a ideia de região mais pobre e menos desenvolvida do país ainda subsiste. Em relação a essa ideia já cristalizada no imaginário dos brasileiros sobre o Nordeste, o estudioso Albuquerque Júnior explica:

Um sertão que é o Nordeste, espaço mítico já presente na produção cultural popular, no cordel e em romancistas do século XIX, como Franklin Távora e José de Alencar, sistematizado definitivamente por Euclides da Cunha e, agora, agenciado para representar uma região. O sertão deixa de ser aquele espaço abstrato que se definia a partir da “fronteira da civilização”, como todo o espaço do interior do país, para ser apropriado pelo Nordeste. Só o Nordeste passa a ter sertão e este passa a ser o coração Nordeste, terra da seca, do cangaço, do coronel e do profeta (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 134).

Disso decorre que o homem nascido e criado no sertão tem sido caracterizado – ainda que talvez com algum excesso no imaginário das comunidades urbanas distantes ou pelo senso comum – como um ser sofrido, uma vítima da natureza e das contingências socioeconômicas e políticas a que vem agregar o ser mítico, conservador, um defensor de singulares valores que amiudamente aparecem refletidos nos textos da Literatura de Cordel. Foi deste modo que as condições adversas vividas pelo povo nordestino favoreceram o surgimento e a robustez de um movimento que viria fazer um contraponto à história dos coronéis, dominantes abastados, numa outra forma de dominação: o Cangaço, subproduto da injustiça e da pobreza aprofundadas no decurso de quatro séculos.

2.2. Cangaço e coronelismo

Conforme informações contidas em Vainsencher (2008), pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco, entre o final do século XIX e começo do XX, surgiram, no sertão do Nordeste brasileiro, grupos de homens fortemente armados com carabinas, cartucheiras e longos punhais que aterrorizaram a população sertaneja. Eram os cangaceiros.

Esses bandos de rudes salteadores, a maioria de origem muito pobre, geralmente do campo e sob a liderança de um chefe, impunham seu próprio conceito de moral, honra e justiça. Com algumas diferenças, esses criminosos usavam uma indumentária semelhante à dos vaqueiros do Nordeste: roupas de couro que os protegiam da vegetação espinhosa da caatinga e o grande chapéu de aba encurvada, autêntico símbolo do Cangaço; traziam, porém, os casacos cruzados por correias sobre os tórax e ombros, com as armas de fogo atravessadas nas costas, o que lhes dava a aparência de bois no jugo, ou seja, atrelados a uma peça de madeira, a canga. Dessa analogia é que resultou “cangaço”, nome desse movimento fora da lei que iria conturbar profundamente o sertão nordestino durante a primeira metade do século XX.

Por muitos anos, os cangaceiros percorreram quase todos os Estados nordestinos, espalhando terror e saqueando cidades e fazendas, incentivados pela proteção de coronéis, os “coiteiros”, que os usavam, sobretudo ao bando de Lampião, para manutenção do poder e alcançar objetivos pessoais, como cobrança de dívidas ou vingança contra inimigos. O Coronelismo e o Cangaço foram dois fenômenos sociais que, durante um longo período, pelo menos desde o fim do século XIX até a morte de Lampião, em 1938, permaneceram intimamente ligados e interdependentes, mediante a troca de favores e a relação dos interesses escusos. Entretanto, formado por poderosos chefes políticos agregadores de parentes e de malfeitores, o Coronelismo surgiu antes e se tornou um dos fatores que proporcionaram o aparecimento de bandos de cangaceiros, comandados por temidos criminosos. A respeito da época e da forma como esses grupos

de bandoleiros apareceram nos sertões nordestinos e aos poucos se desprenderam da tutela absoluta dos poderosos coronéis, Queiroz (1977, p. 55) fornece a seguinte explicação:

É em fins do séc. XIX que alguns cangaceiros, apoiados em seu próprio prestígio, se destacaram dos chefes de parentela e dos coronéis, perseguindo livremente seu destino. Enquanto no período anterior os bandos, ligados a um chefe de clã, estavam sediados nas terras a este pertencentes, ou a um dos seus aliados, agora o grupo se torna nômade e vagueia pelo Sertão, ao bel prazer dos chefes e das alianças que estabelecem. [...] Quando um chefe político local ou regional busca se aliar com um bando independente de cangaceiros, imediatamente seus adversários solicitam o apoio da polícia e vice-versa. A população se divide então entre os que auxiliam os cangaceiros, – os famosos coiteiros; e os que auxiliam as volantes, destacamento móveis da polícia. São estas as duas grandes facções em luta no Nordeste seco, entre 1894 e 1940.

Dentre todos os transgressores da lei nos sertões, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi o mais renomado; mas o Cangaço teve origem muito antes dele. Por exemplo, um dos primeiros cangaceiros de que se tem notícia foi o Cabeleira, o mesmo cuja vida serviu de tema à obra do escritor Franklin Távora, e que, já na segunda metade do Século XVIII, assombrava as regiões rurais próximas de Recife.

Cumprido esclarecer que, apesar de todos os males causados, o Cangaço invadiu, de forma um tanto romântica, a mente da população nordestina, de sorte que os principais personagens, ainda hoje aparentemente lembrados com certa nostalgia pelo povo e com deferência por alguns estudiosos do assunto, mais parecem heróis do que criminosos sanguinários. A respeito dessa aura mesclada de medo e de admiração, de mito e de realidade, Nemer (2005, p. 11-12), esclarece:

Lampião, bandido célebre que durante quase vinte anos desafiou as forças da polícia assegurando sua dominação sobre uma vasta zona do território nacional e sua população, se inscreve nessa tradição. Ele é o herói de inúmeros folhetos de cordel que testemunham sua singularidade, sua ambivalência, sua dualidade profunda. Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser reescrita, sua imagem de ser reelaborada.

Vale lembrar, contudo, que o Cangaço como expressão de rusticidade não constitui um fenômeno isolado, totalmente desvinculado do comportamento da gente nordestina. Pode-se dizer, sim, que esse movimento fora da lei simbolizou a exacerbação de uma forte característica que compôs a identidade sertaneja. No entanto, essa constituição identitária só foi possível em razão do longo isolamento em que o povo sertanejo permaneceu. Nesse sentido, convém observar estas palavras de Laclau (1991, p. 139): “As identidades só podem permanecer estáveis num sistema fechado”. Portanto, a valentia como signo da masculinidade representa o mais vivo reflexo de um jeito de viver e de pensar daquela comunidade, estereótipo consolidado durante décadas.

Daí origina-se a figura do “cabra” macho, rude e destemido, que “não engole desaforos”, que “lava a honra com sangue”, se preciso.

A demonstração de coragem é, possivelmente, a qualidade mais apreciada pelo sertanejo e constantemente enaltecida na Literatura de Cordel, que relatou exaustivamente a vida não só de cangaceiros mas também de criminosos menos famosos durante o século XX. Em relação ao culto da valentia tão facilmente observável no modo de pensar do sertanejo nordestino, Albuquerque Júnior (2011, p. 4) assim diz com propriedade neste excerto do seu artigo:

Ser “cabra macho” requer ser destemido, forte, valente, corajoso. Nesta sociedade o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes. Há, pois, uma tradição de narrar atitudes de violência na produção cultural popular. O crime do pobre parece exercer um fascínio sobre a massa de homens dominados e submetidos a relações de poder as mais discricionárias possíveis; a virilidade do dominado é aí reafirmada.

Antônio Silvino, Volta Seca, Corisco, Lampião e outros nomes foram grandes bandoleiros do Cangaço e adquiriram expressiva notoriedade ainda em vida. Com suas façanhas narradas nos folhetos de cordel, esses personagens transfiguram-se em lendas, agigantam-se e não raro mistificam-se e atingem um patamar superior e inacessível aos outros sertanejos, mortais comuns. Por isso, odiados ou respeitados, admirados ou temidos em vida, nos folhetos de cordel transformam-se em heróis, ou em mitos, sobretudo da classe social mais pobre, na luta do bem contra o mal, em defesa dos fracos contra os potentados. O poeta de cordel não lhes oculta os crimes, mesmo os mais cruéis; antes os ressalta, ou às vezes os justifica, quando praticados por motivos que considera justos, como, por exemplo, na vingança pela morte de um ente querido ou em defesa da honra. Pelo fato de lutarem contra os poderosos, por roubarem destes e por eventualmente auxiliarem aos necessitados, a comunidade humilde lhes perdoa os crimes e, de certo modo, até os reverencia, seja nas prosas do cotidiano relembrando velhos episódios, ou na leitura atenta das bravuras nos folhetos. A título de exemplo, observem-se estes versos do poeta João de Barros em *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*: “Todos sabem, Virgulino,/Por obras do malfeitor,/Tornou-se um cangaceiro,/Um infame matador,/Mas tudo isso somente/Para vingar uma dor”.

Nota-se, portanto, que o poeta, ao mesmo tempo em que expõe as mazelas morais do personagem (Um infame matador), também explica os seus motivos, justificando o ato cruel e eximindo o cangaceiro de culpa, por ele ter cometido crimes sob influência de forças maléficas (Por obras do malfeitor) e por estar sofrendo pela perda de alguém muito querido (Para vingar uma dor). Para corroborar a impressão de tolerância que se tem da comunidade nordestina para com o cangaceiro e o consequente reflexo na Literatura de Cordel, Castro (1980, p. 256) assevera:

A verdade é que, para o sertanejo, o cangaceiro raramente é um criminoso, um celerado, sendo cantado e louvado como um homem valente que joga cavalheiramente a sua vida para defender os oprimidos e alimentar os famintos, roubando dos ricos para distribuir com os pobres.

Portanto, no Cordel, a maioria desses personagens do Cangaço mostram-se ambíguos, vingadores e justiceiros que, pela valentia comprovada e pelo temor que infundiam, obtinham fama e proteção nos esconderijos dos coronéis e uma singular forma de ascensão social, não obstante a vida sobressaltada e clandestina que levavam, em permanente fuga pelas caatingas e em enfrentamentos com as volantes. Segundo Assunção (2007), essas tropas, tão temidas pela população quanto os cangaceiros, eram grupos de homens formados por militares e por civis sertanejos nordestinos encarregados pelo governo para combater Lampião.

Em muitas histórias de valentia encontradas no Cordel, além desses cangaceiros renomados, aparecem outros heróis, bandidos solitários e menos conhecidos cujas vidas assemelham-se mais às dos sertanejos comuns. Tais personagens não pertencem ao movimento do Cangaço nem a quaisquer bandos de malfeitores e agem por conta própria. Alguns, em certo momento de suas vidas, rebelam-se, entram para o mundo do crime, motivados por um pequeno incidente ou determinados pela própria má índole, que mais cedo ou mais tarde haveria de manifestar-se; outros, embora sejam de paz, acabam se revoltando por alguma grande injustiça cometida contra si ou contra um ente querido. Nessas circunstâncias, demonstram o quanto são capazes de lutar e cometer os mais bárbaros crimes por uma boa causa. Portanto, de certo modo, existe uma gradação quanto à motivação do delito, às características e ao comportamento desses personagens na Literatura de Cordel: o cangaceiro perverso e famoso, chefe de bando, em *Lampião e Maria Bonita no paraíso tentados por satanás*; o arruaceiro contumaz, propenso a tornar-se bandido em *O Sertanejo Antônio Cobra Choca*; o homem insuspeito e pacato em *Zé Matraca, o valentão de Palmares*, também capaz de eliminar os oponentes quando gravemente injustiçado.

Enquanto o Nordeste, com sua história rica, sofrida e frequentemente trágica, proporcionou uma imensa gama de temas para a produção do Cordel, essa literatura, em retribuição, forneceu aos seus leitores os relatos sobre histórias reais ou apenas imaginadas, com seus tipos característicos e heróis, contribuindo grandemente para a realimentação da fantasia do sertanejo e a consolidação da sua identidade. Portanto, em se tratando da constituição dessa identidade cultural, aqui vale lembrar estas palavras de Stuart Hall:

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2004, p. 11-12).

Assim como o sertanejo não questionava os casos verídicos narrados pelo folheto, ainda que viessem aumentados e distorcidos, também aceitava prazerosamente as fantasias, mesmo as mais excessivas. E para melhor compreender a relevância da presença dos personagens brutais nessas histórias e a condescendência com que são tratados na Literatura de Cordel, não se deve esquecer de que o Nordeste do Brasil, a partir dos primeiros séculos do Descobrimento, tornou-se uma das regiões em que as desigualdades sociais se mostraram mais alarmantes e desumanas. Mais tarde, nos

séculos XIX e XX, a região viria a ser o berço dos grandes coronéis e dos poderosos senhores de engenho, donos de latifúndios, das imensas riquezas e praticamente do destino dos humildes sertanejos. Acerca do poder ilimitado desses homens abastados, Medeiros Filho e Souza (1988, p. 24) assim se referem:

Coronéis e senhores de engenho dominavam, sem concorrentes, as câmaras municipais e as representações políticas tanto a nível estadual quanto a nível federal. Por isso, cada coronel ou senhor de engenho possuía em torno de si pequenos exércitos de cangaceiros formados pela parentela numerosa, pelos agregados e moradores. Aos que não pertenciam a esta instituição restavam apenas o silêncio e a resignação.

Deste modo, sem nenhum direito ou vínculo que lhes garantissem estabilidade ou perspectiva de futuro, muitos trabalhadores servis e dependentes, como os vaqueiros desempregados e peões desvalidos, nas secas mais cruéis com suas famílias tornavam-se nômades em busca de uma vida melhor. Ao se fixarem nas fazendas do patrão, o homem do sertão, em que pese a força física e moral, fosse por temor ou por conveniência, invariavelmente mostrava-se cordato e obedecia aos caprichos do poderoso opressor. Sobre a dimensão do coronelismo como poder paralelo ao Estado na Região Nordeste, Facó (1980, p. 53) relata:

Assim o latifúndio gera lutas desde suas origens. Isolados, num mundo à parte dos povoados litorâneos, sem poder contar com a ajuda do Estado, os grandes fazendeiros são a classe dominante naqueles sertões não só representativa mas diretamente, na sua zona. Formam autênticos exércitos de guarda privados, recrutados entre os sem-terra ou acolhendo criminosos comuns, encontram refúgio na grande fazenda.

Ainda segundo Facó, fortemente armados para a encarniçada luta entre si mesmos, até a década de 1930 muitos desses coronéis ficaram famosos, como Horácio de Matos, Franklin Albuquerque, Militão, Marcionílio, Douca Medrado, cada um deles formando grandes grupos de 200, 400, 600 ou até mesmo 1000 capangas. Tratava-se, assim, de uma luta perdida para o sertanejo humilde que porventura se indispucesse com algum desses potentados. Esse desnível socioeconômico associado à falta de lei aumentou grandemente a criminalidade no Nordeste, e de acordo com alguns poetas de cordel, como João Firmino Cabral, em *Nascimento, vida e morte do cangaceiro Zé Baiano* (2007, p. 01), essa injustiça foi a principal causa do surgimento do Cangaço: “Quem é nordestino sabe / como surgiu o cangaço / Foi a falta de justiça / que reinava no sertão / O rico era protegido / tinha toda proteção / Porém a favor do pobre / Ninguém levantava a mão” (vv. 01, 02, 07, 08, 09, 10, 11, 12).

Entretanto, pelo menos no folheto do Cordel, onde fantasia e realidade coexistem, o poeta, sujeito ideológico e porta-voz da sua gente procura utopicamente mostrar que é possível reverter a histórica posição de subalternidade, que o sertanejo humilhado pode eventualmente elevar-se à condição de representante e de herói da coletividade marginalizada. Com esse indivíduo trasladado para a ficção, o leitor sertanejo obtém, enfim, o seu herói vingador e se deleita com versos que contam prodigiosas histórias de bravura e cruas imagens de derramamento de sangue. Corroborando esse pensamento, Menezes (1970, p. 11) afirma:

Não sou o primeiro a assinalar a simpatia que se surpreende na mentalidade matuta pelo bandoleiro, transpirando no folclore. Parece que o sertanejo vê no cangaceiro o instrumento inconsciente de uma vingança bruta e cega a agir indefinida e estupidamente contra “qualquer coisa” invisível e má. Essa mentalidade está duplamente preparada pela série de fatores telúrico-sociais discriminados: reclama Conselheiros, padres Cíceros ou José Lourenços.

No entanto, para esse personagem ser plenamente aceito e admirado pelo leitor do Cordel geralmente não basta a coragem para matar inimigos. Como se pode verificar em grande quantidade de folhetos, tal personagem só se constitui como herói quando demonstra possuir, além da inegável valentia, valores igualmente caros ao sertanejo, como a generosidade, o senso de justiça para com os bons e mais fracos, ou o cumprimento da palavra empenhada.

É raro, mas também pode suceder que esse herói do folheto tenha para oferecer ao leitor apenas a única qualidade relevante que possui, sua coragem, que será usada para derrotar algum inimigo e debelar males porventura maiores que aqueles por ele causados. Por conseguinte, a fim de que sirva de exemplo, o que no quotidiano do sertanejo seria impensável torna-se possível no Cordel: a punição de malfeitores terríveis ou de coronéis inescrupulosos.

Considerando tudo o que se disse até este ponto, elegeu-se para análise o poema “O sertanejo Antônio Cobra Choca” de João José da Silva, tendo em vista o objetivo deste trabalho que é demonstrar como o personagem do folheto de Cordel se constitui e se faz aceito como vingador e herói dos leitores sertanejos.

3. ANÁLISE DE TEXTO: “O SERTANEJO ANTÔNIO COBRA CHOCA”

Durante o século XX, o Cangaço, além de se tornar um dos temas mais explorados pela Literatura de Cordel, em cujos folhetos os personagens eram os bandoleiros mais temidos do sertão, colaborou enormemente para a produção de outras obras que ressaltaram a ignorância de comportamento, a rusticidade e a valentia do homem comum. Quando ocorria o relato da vida de cangaceiros ou de homens corajosos no Cordel, os autores organizavam e desenvolviam as histórias de modo que os atos criminosos, por vezes excessivos ou sangrentos não parecessem gratuitos, mas que pudessem ser explicados, guiados e positivamente sancionados por uma forma particular de moral e de conduta aceita pelo leitor do folheto.

A rigor, este poema do qual se faz a análise compõe-se dos seguintes protagonistas: o coronel Vicentinho, cercado de capangas, homem cruel, opressor das pessoas pobres e exemplo do mandonismo acima da lei na Região Nordeste; Antônio Cobra Choca, trabalhador retirante, indivíduo rústico e arruaceiro das feiras, mas que, ao final do poema, sai-se como um valente ao casar-se com a filha do patrão Vicentinho depois de derrotá-lo; Isabel, filha do coronel Vicentinho, tão exemplarmente bela aos quinze anos de idade que o poeta reporta ao texto do livro de Alencar comparando-a à personagem: “bonita como Iracema/virgem dos lábios de mel” (vv. 311, 312).

Exceto a coragem, a bem da verdade, são poucas as características favoráveis encontradas em Cobra Choca, aquelas qualidades positivas que sempre ficam bem na composição do herói; ao contrário, o poeta reveste-o com péssimas características psicológicas e físicas que lhe dão um aspecto sórdido. Além de ser um pobre retirante (do Estado da Paraíba para Alagoas), tinha o instinto violento e um aspecto lombrosiano, nada

favorável: “... um tipo sarará/ os beijos cheios de frieira/ o rosto um tanto pequeno /era deste que cuspiá/e a baba dava veneno. (vv. 129, 130, 134, 137, 138).

Vê-se claramente que Cobra Choca, um rapaz desprovido de encantos pessoais, também economicamente, nada tinha a oferecer à filha do patrão. Não obstante as “imperfeições” físicas e morais desse pretendente, o autor coloca-o como herói, porque será o oponente ideal do vilão, instrumento capaz de dar uma lição ao tradicional opressor, a alguém mais imoral e mais injusto que ele, o coronel Vicentinho: “Na arte de conquistador / era muito viciado / infinidades de moças / já havia deflorado / à responsabilidade / ele nunca foi chamado”. (vv. 19, 20, 21, 22, 23, 24).

Aqui o folheto mostra o que se vê com alguma constância no cordel: uma certa simpatia para com os mais humildes: a mocinha muito pobre, virtuosa e bela que se casará com o moço rico, ou o rapaz honesto e trabalhador que terá um final feliz com a jovem abastada. Entretanto, também não é raro a maldade caminhar unida à riqueza em personagens como: o comerciante perverso, o rico fazendeiro matador, o senhor de engenho canalha.

Neste folheto, uma vez mais, evidencia-se a preferência do autor de cordel pelo personagem marginalizado, talvez carregado de traços excessivamente negativos que o aproximam um pouco da figura do anti-herói ou mais do clássico vilão: feio por dentro, desagradável por fora. De qualquer modo, as condições idealizadas desse personagem não estão muito distantes da realidade dos sertanejos pobres e sofridos, os maiores apreciadores dessa literatura. Igualmente, a superação dos obstáculos pelo valente pária, com possibilidade de vencer ao rico mau-caráter, proporciona a aceitação desse marginalizado como herói.

Logo, para o personagem sustentar-se como herói e casar-se com a bela filha do coronel, bastou-lhe apenas uma das virtudes, que é, talvez, a mais exaltada pelo homem sertanejo: a valentia, simbolizada pelo enfrentamento armado e a palavra dura do “cabra macho”, cara a cara, sem temer o perigo. Haja vista que a valorização dessa qualidade parece constituir-se como o único ponto em que os dois desafetos são concordes, evidenciado no modo rústico com que o coronel se expressa (vv. 359 e 360): “porque eu gosto de homem/que só diz pra sustentar.”, ou na própria fala de Cobra Choca, cuja truculência, excessivamente alardeada por si mesmo, parece assumir um caráter fanfarrão e lúdico com que pretende impressionar a namorada diante do perigo iminente: “eu sou um homem pra topar /só boto pra derreter/o homem que der em mim /pode dizer que morreu/que você vai ver agora/ Cobra Choca vadiar.” (vv. 269, 270, 281, 282, 431 e 432).

Considerando que a filha do coronel Vicentinho aceita esse matrimônio de bom grado e por amor, contrariando expectativas sociais e preconceitos, é de supor que as pessoas, como acontece em tais circunstâncias, perguntem: “O que essa moça de quinze anos de idade, bonita e rica, viu num pobre rapaz de mau aspecto, que tinha os lábios cronicamente gretados?” Trata-se de um questionamento que seria bem pertinente em outras circunstâncias, isto é, fora do âmbito do Cordel. Convém compreender, todavia, que os acontecimentos supostamente estranhos ou absurdos adquirem coerência nos folhetos porque, de acordo com a lógica própria das histórias fabulosas do Cordel, quase tudo é possível e pode suceder. Aqui a pergunta evoca uma sentença muito repetida, dada como verdadeira, marcadamente idealizada e extraída da sabedoria popular: “O amor é cego”. Contudo, mesmo que assim não o seja, esse amor e a consumação do casamento entre dois jovens desiguais em todos os quesitos – o pária disforme e a

namorada linda e rica – representa a extrema forma de vingança do poeta sertanejo e leitores contra o tradicional opressor.

Nesse sentido, convém observar o que pensava Orígenes Lessa *apud* (CAVALCANTI, 1977, p. 39-40) sobre a Literatura de Cordel como função “terapêutica” e “catarse”, em que sobressaía a força imaginativa dos poetas:

Em grande parte é uma literatura de evasão, de fuga aos problemas amargos do cotidiano, à miséria circundante. E para as massas incultas e sofredoras a que se dirige, é esse provavelmente o aspecto mais atraente. Em seus devaneios, nas histórias de reis e princesas, nos triunfos do amor e da virtude, nos inesperados milagres que descem do céu e mesmo nas histórias alegres e humorísticas de embalar a imaginação e fazer esquecer as dores e os dias maus, está possivelmente a sua grande força.

Em alguns trechos deste folheto, verifica-se, no uso das expressões muito próximas da oralidade, o rude linguajar dos peões cujos maus modos desabam para a escatologia abjeta, sobretudo na fala de Cobra Choca, quando este dá início à punição com os próprios jagunços do patrão: “e avise o coronel/ um cabra lhe obrigou/ beber caganeira a pulso” (vv. 237, 239 e 240). Com essa afronta grosseira, o poeta denuncia uma sublevação da classe miserável, há vários séculos oprimida que, vivendo sempre em condições humilhantes, rebela-se, enfim, diante do coronel e do senhor de engenho dominador. Na primeira parte do texto, o poeta oferece uma espécie de premonição, anunciando que algum fato desagradável pode suceder ao vilão, Coronel Vicentinho, não obstante a arrogância e o poder que possui, ou principalmente, por causa dessa onipotência. Esse efeito é produzido por uma sequência de provérbios, ou parte deles, que expressam certos pensamentos, além de evocar outros conceitos: “não há lente que não erre; duro que não esmoreça; quem em muitas pedras bole/uma lhe cai na cabeça. Um valente encontra outro; quem procura um dia acha; quem pensar que o céu é perto; Ninguém pode ser o dono/ de tudo que a terra cria; o dinheiro é inimigo; a língua é quem mais castiga.” (VV. 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 119).

Note-se que essas máximas possuem versões parafrásticas na linguagem cotidiana e lembram alguns conceitos e provérbios amplamente conhecidos e citados em todo o Brasil: “Quem nunca errou na vida é porque nunca fez nada”; “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”; “Quem procura chifre em cabeça de cavalo se dá mal”; “Tudo o que temos neste mundo é por empréstimo”; “O dinheiro não traz a felicidade”; “A língua é o castigo do corpo”.

Trata-se, portanto, de um enredo simplório: a tentativa do jovem casal em transpor as diferenças socioeconômicas, em busca da felicidade, mesmo contra todas as conveniências, a intolerância e a ira dos pais. Excetuando os lugares, os personagens envolvidos e algumas variações, permanece muito da essência da história milenar sobre amores impossíveis, mas de final feliz, tantas vezes repetida na vida real e constantemente retomada pela ficção, notadamente no folheto de cordel. Sobre essa recorrência de situações, Albuquerque Júnior (2011, p. 129) assevera:

O cordel fornece uma estranha narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados, em vários momentos, na produção artística e cultural nordestina. Como a produção do cordel se exerce pela prática da variação e reatualização dos mesmos enunciados, imagens e temas, formas

coletivas enraizadas numa prática produtiva e material coletiva, este se assemelha a um grande texto ou vasto intertexto em que os modelos narrativos se reiteram e se imbricam e séries enunciativas remetem umas às outras.

Possivelmente, em virtude da recorrência do tema, tem-se a impressão de história simples e aparentemente conhecida. Vicentinho, que na juventude desonrava filhas alheias e mulheres casadas, precisa receber uma punição, ou seja, ter a própria filha roubada e ver maculado o conceito de honra do qual se julga dono exclusivo, em detrimento da comunidade do sertão. Deve provar do mesmo “veneno” e, para isso, ninguém mais apropriado que esse miserável retirante que, a propósito, é chamado de Cobra Choca, detentor do necessário e único bem: a valentia. “Vão me buscar um ladrão” (v. 408) – grita aos jagunços o poderoso e encolerizado pai, perante o atrevimento.

A bem da verdade, embora a injúria não seja tão grave quanto as que o coronel repetidamente praticara, já que o casal se amava, o ato lhe parecia insuportável visto que ferira não propriamente à filha, mas ao orgulho paterno. Afinal, Cobra Choca ousou transgredir certos princípios sociais tidos como sagrados pelo grande senhor e enxovalhar o nome e a tradição ciosamente conservados pela arrogante família sertaneja. Diante disso, diz o coronel, truculentamente: “... eu mesmo quero sangrá-lo / e bebo o sangue que tem” (vv. 419, 420), pensamento que reativa o mais primitivo instinto humano – a sede de sangue do inimigo –, que, mesmo não sendo exclusivo da sociedade sertaneja, encontra-se nela arraigado. Entretanto, parece ter sido inútil essa arrogância, porque, ao final do poema, em obediência à lógica própria desses folhetos e à expectativa do leitor, o improvável e valente herói de classe social inferior vence o difícil embate e se casa com a filha do coronel. Enfim, o fato de que o pai da moça, ao final, não tenha sido morto por Cobra Choca e, ao contrário, termina aceitando pacificamente o casamento da filha, direciona a história para o desfecho feliz e aguardado pelo leitor do folheto: “E Cobra Choca casou-se / com sua noiva Isabel / ficou o maior amigo / da sogra e do coronel / e o coronel dizia: / meu genro amável e fiel”. (vv. 463, 464, 465, 466, 467, 468).

Ademais, o surgimento da amizade entre os dois ex-desafetos valoriza grandemente a coragem do protagonista plebeu, porque, além de elevá-lo na escala social, parece simbolizar a supremacia do herói-bandido sertanejo sobre a velha tirania do coronel-vilão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No passado, mesmo em pleno século XX, quando a Região Nordeste ainda era mais intensamente dominada pela profunda desigualdade social, com um imenso contingente de analfabetos e com milhares de pessoas acossadas pela fome, o sertanejo desamparado viu-se compelido a aceitar o seu destino de subalterno, espoliado e totalmente submetido aos caprichos dos grandes senhores. Não existia uma clara consciência dos direitos das classes sociais mais desfavorecidas, nem mesmo uma forma de adquiri-los, visto que ainda persistia uma condição de injustiça cristalizada e considerada natural, que se arrastara por quatro séculos. Para fazer frente a essa situação, paradoxalmente, verifica-se a importância do advento do Cangaço, como

fenômeno social, ainda que à margem da lei. Oriundo da classe baixa, o Cangaço constituiu-se como elemento perturbador da velha ordem estabelecida pela elite rural, além de fornecer uma das temáticas mais produtivas da Literatura de Cordel do Brasil e inspirar a criação do herói do sertanejo.

Naquele momento histórico, numa região em que o poder oficial era precariamente exercido, distante da civilização e quase completamente isolada do resto do mundo, pensar no extermínio do tradicional regime de semiescravidão certamente não passaria de mera utopia. Contudo, o poeta sertanejo parecia intuir que um novo personagem, o cangaceiro ou o bandido comum, originado de sua esfera social, poderia se contrapor aos tradicionais vilões opressores e eventualmente vencê-los. Por isso, ao menos na ficção, mesmo que às vezes esse herói, tal como Cobra Choca, não se mostrasse tão ideal ou carismático quanto o bandido cangaceiro, os leitores encontravam nas histórias do folheto sua única forma de questionamento.

Sabendo ser impossível enfrentar inimigos tão formidáveis para mudar a difícil realidade, os cordelistas deixavam registrados seus pensamentos no folheto, que era também o jornal, a fonte de informação e o lazer dos sertanejos. Estes sentiam-se representados pelo personagem e vislumbravam a possibilidade de que os destinos desses potentados e das pessoas que o cercavam pudessem escapar ao seu controle, como a retomar o ditado que diz “Ninguém é dono deste mundo”. Trata-se, portanto, da afirmação de uma nova ordem: por intermédio do seu representante e herói, o povo se vinga do opressor, quando o Cordel se oferece como um veículo de expressão e de revolta artisticamente elaborada, concedendo à ficção a potencialidade de subverter o velho modelo de dominação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Antologia de folhetos de cordel: Amor, história e luta*. São Paulo: Ed. Moderna LTDA, 2011.
- _____. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das letras, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Quem é froxo não se mete*. Disponível em: http://www.google.com.br/#hl=ptBR&source=hp&biw=1264&bih=591&q=quem+é+frouxo+Albuquerque+Júnior&aq=f&aql=&oq=bav=on.2,or.r_gc.r_pw.&fp=f5be97304ae0498. Acesso em: 28 abr. 2011.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, s/d.
- ASSUNÇÃO, Moacir. *Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do Sertão*. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_desafio_do_governador_do_sertao. Ed. 39 janeiro de 2007. Acesso em: 18 jun. 2011.
- AYALA, Marcos; NOVAIS AYALA, Maria Ignez. *Cultura popular no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
- CABRAL, João Frimino. *Nascimento e morte do cangaceiro Zé Baiano*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2007.

- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Achiamé, 1980.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1980.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro DP&A. 2004.
- JOTABARROS, João de Barros. *Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentados por satanás*. São Paulo: Editora Luzeiro Limitada, 1980.
- LACLAU, Ernesto. *A política e os limites da modernidade*. In: HOLLANDA, Heloísa B. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 127-149.
- MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar de. *A seca do Nordeste: um falso problema*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1988.
- MENEZES, Djacir. *O Outro Nordeste*. Rio de Janeiro: Editora Artenova Ltda, 1970.
- MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha*. Escola de Comunicação, Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os Cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: editora Milart, 2005.
- SILVA, João José da. *O sertanejo Antônio cobra choca*. In: MEYER, M. *Autores de Cordel: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- SOUZA, Liédo Maranhão de. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- VAINSENER, Semira Adler. *Cangaço*. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=300&textCode=951&date=currentDate>. Acesso em: 19 jun. 2008.

Recebido em: 23/10/2012

Aceito em: 29/01/2013

Publicado em: 27/03/2013

BANDIT AND HERO: THE REVENGER OF THE MAN OF THE SEMI-ARID REGION IN NORTHEASTERN BRAZIL IN THE CORDEL LITERATURE

ABSTRACT : This paper aims to present a study on the Cangaço phenomenon and its confrontation with the powerful landowners, named colonels, two major social issues which marked the Northeast life in Brazil. In the first part, after the introduction, the article presents a resumed history of the Cordel literature with its main characteristics and the environment where this literature flourished. The second part analyses the poem *O Sertanejo Antônio Cobra Choca*, by João José da Silva. That will highlight the importance of the bandit as a central Cordel character and explain how such a character makes himself accepted by the readers of Cordel literature, transforming himself into a hero.

KEYWORDS: *cangaço; coronelismo; cordel; hero.*